

# UM PANORAMA HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL

por  
Rosana Barbosa\*

## I. Introdução

Até metade do século XX, o Brasil foi um país que recebeu um grande número de imigrantes, livres ou forçados. Foi estimado que do século XVI até meados do século XIX, mais de três milhões e meio de africanos foram trazidos para esse país como trabalhadores escravos. Na verdade, o Brasil era, no mundo, a nação que importava o maior número de escravos africanos.

O Brasil também recebeu grande número de imigrantes livres, particularmente no final do século XIX e início do século XX. Alemães foram trazidos para o Brasil para colonizar áreas desocupadas no sul do país. Italianos foram subsidiados para trabalhar nas plantações de café de São Paulo. Estes foram mais tarde acompanhados dos japoneses, que começaram a chegar no início do século XX. Outros grupos como espanhóis, russos, sírios e libaneses também chegaram no Brasil em números significativos.

Ainda assim, apesar de sua importância para o desenvolvimento do Brasil, nenhum desses grupos contribuiu na mesma medida que os portugueses para o crescimento dessa nação. O constante fluxo de imigrantes portugueses para o Brasil e a importância desse fenômeno para o desenvolvimento do país modelou a nação brasileira de um modo diferente de qualquer outro grupo.

---

\* St. Mary's University (Canadá).

Durante o período colonial, os portugueses compreendiam a maior parte da população branca livre do país. Eles ocuparam todas as posições administrativas na colônia e constituíram o grupo com o maior número de grandes propriedades. Nesse momento, um pequeno número de portugueses não ligados à administração colonial, também imigrou para o Brasil, onde supriram a força de trabalho barata.

Após a independência do Brasil, o número de imigrantes portugueses que mudou para esse país para trabalhar em posições de baixo ou médio *status* aumentou. Portugal entrava num período de declínio econômico o qual foi causado, parcialmente, pela perda de seu monopólio econômico com a antiga colônia. Muitos imigrantes portugueses, vindos do Continente e dos Açores, começaram a assumir empregos antes restritos aos negros<sup>1</sup>. Em 1849, João Baptista Moreira, o consul português no Rio de Janeiro, declarou em relação aos Açorianos que:

Uma grande parte da gente das Ilhas se emprega quase exclusivamente em tomar água nos chafarizes da cidade em carroças e pipas puxadas por bestas muares, vendendo-as e fornecendo assim quase toda a população, que empregavam nisto escravos...<sup>2</sup>.

Na verdade, muitos portugueses que imigravam para o Brasil, achavam-se numa situação de pobreza. Por exemplo a *Revista Universal Lisbonnense* publicou um artigo em 1844, no qual um cidadão português radicado no Brasil declarava o seguinte:

... Todas as embarcações chegadas do Porto e dos Açores têm trazido aos centos de desgraçados, uns a título de colonos, outros de passageiros, sem que as privações e as misérias que eles aqui vem padecer tenham diminuído...<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mary Karasch. *Slave Life in Rio de Janeiro*. (Princeton: Princeton University Press, 1988), p. 65.

<sup>2</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Caixa 314. 31 de janeiro de 1849.

<sup>3</sup> *Revista Universal Lisbonnense*. Tomo III, 1844. p. 125

Várias autoridades portuguesas também alertavam para a condição de pobreza de muitos súbditos portugueses no Brasil. Por exemplo, em 1839, Rosa da Cunha de Jesus, natural de Barcelinhos, recorreu ao consulado português para a auxiliar no seu retorno a Portugal por causa do seu estado de miséria naquele país.<sup>4</sup> Em 1865, o representante português, Daniel da Silva Ferreira, também alertava para o número significativo de portugueses no Rio de Janeiro vivendo na pobreza. Este comentou sobre o “Grande número de menores súditos portugueses (que) vagueiam por esta cidade sem empregos, ou com ele pouco licitos e vergonhosos.” Silva Ferreira continuou dizendo que os consulados devem “aparar os menores abandonados e vigiar a sua conducta; mas o seu número é de tal natureza” que isto acaba não sendo possível<sup>5</sup>.

No entanto, mesmo sendo esta a situação de muitos, outros conseguiram alcançar sucesso económico e o Brasil continuou a atrair um grande número de portugueses. Por exemplo, entre 1855 e 1960, o Brasil atraiu uma média de 80 por cento de todos os emigrantes registrados. Entre 1891 e 1911, a percentagem de portugueses emigrantes saindo para o Brasil era alta, por volta de 93 por cento<sup>6</sup>.

Ainda assim, apesar dessa importância histórica, o português como imigrante tem recebido pouca atenção dos historiadores brasileiros. A historiografia brasileira tende a enfatizar a importância de outros grupos que não o dos portugueses, na construção do Brasil. Os italianos, em particular, têm sido considerados o maior grupo imigrante que o Brasil recebeu.

Desta forma, este artigo vai destinar-se a cobrir esta lacuna na historiografia brasileira, ilustrando como os portugueses constituíram o mais numeroso, consistente e duradouro grupo de imigrantes livres que o Brasil recebeu.

---

<sup>4</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Caixa 199, 1839.

<sup>5</sup> Miriam Halpern Pereira. *A Política Portuguesa de Imigração, 1850-1930*. (Lisboa: A Regra do Jogo, 1981). p. 130.

<sup>6</sup> Joel Serrão. *A Emigração Portuguesa - sondagem Histórica* (Lisboa: Livros Horizontes 1982), p. 43.

## II. Imigrantes

### 2.1 O período colonial

Desde os primeiros anos da colonização até à época da independência, colonizadores portugueses migraram para o Brasil e, desse modo, ajudaram a afirmar o controle da coroa sobre a nova terra. O número exacto de portugueses que se estabeleceu no Brasil durante o período colonial é incerto, já que não há estatísticas disponíveis para esse propósito. O que se sabe é que os colonizadores portugueses e seus descendentes compuseram a maior parte da população branca do Brasil durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Aqueles portugueses que foram para o Brasil para administrar a colónia inteiravam quase toda a elite privilegiada da sociedade brasileira. Em geral esses indivíduos permaneciam no Brasil apenas temporariamente e, na maioria dos casos, eram homens que não vinham acompanhados de suas famílias.

Ainda assim, entre esses portugueses imigrantes do período colonial, havia outros que vieram porque tinham recebido terras e se estabeleceram permanentemente no país. Durante o final do século XVIII e começo do século XIX o governo português criou uma medida para colonizar o Brasil com imigrantes europeus. Jovens casais portugueses, especialmente dos Açores, foram trazidos para o Brasil como colonos. Um documento achado no Arquivo Ultramarino em Lisboa, por exemplo, mostra que em Outubro de 1799 havia um pedido oficial para o governo dos Açores para que este recrutasse colonos para um povoamento a ser estabelecido na Bahia.

... se ordena façamos recrutar sessenta casais de pessoas que sejam robustas, e queiram ir voluntariamente para um estabelecimento, que se manda formar na Bahia, onde se lhes há de mandar dar tudo o que for necessário para o seu arrançamento...<sup>7</sup>.

No mês seguinte, um outro documento declarou que havia vinte casais prontos para serem mandados para o Brasil para fundar a nova colónia na Bahia.

---

<sup>7</sup> Arquivo Histórico Ultramarino. *Açores*, pasta 30.

Por aviso de V. Exa de 3 de setembro do presente ano de 1799 foi sua Alteza Real servido determinar-nos que façamos remeter (...)os XX casais que se achavam prontos no Faial para o novo estabelecimento, que se vai fazer na Capitania da Bahia<sup>8</sup>.

Durante o período colonial, pequenos números de outros europeus foram também trazidos para o Brasil como colonos. Por exemplo, em 1818, a primeira colônia de suíços e alemães foi fundada em Leopoldina, Bahia. Em 1820, um grupo de suíços fundou a actual cidade de Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro. Apesar disso, o número de suíços e alemães no Brasil no fim do período colonial nunca foi muito significativo.

Ainda assim, outros portugueses chegaram no Brasil durante essa época, não apenas como colonos subsidiados, mas também como migrantes por conta própria. Livros de registo de passaportes do fim do século XVIII mostram que havia um pequeno, porém constante fluxo de pessoas que migravam para o Brasil independentemente<sup>9</sup>. Estes não faziam parte de nenhuma iniciativa de colonização de um estado patrocinador, mas buscavam um futuro melhor.

Essas pessoas eram, em sua maioria, jovens rapazes que se haviam envolvido no sector comercial de cidades brasileiras. Nos registos de passaportes dos anos de 1790, de 45 pessoas de quem se sabia a idade, 33 tinham menos de 30 anos e 14 tinham menos de 18 anos de idade<sup>10</sup>. Nos mesmos registos de 1790, a predominância masculina também é apontada. De 146 passaportes com destino ao Rio de Janeiro, apenas 34 eram mulheres. Os mesmos registos mostraram também que dos 33 imigrantes de quem a profissão era sabida, 9 eram negociantes, 6 eram donos de lojas no Rio de Janeiro ou estavam planejando abrir uma, e 11 haviam ido para o Rio de Janeiro para encontrar alguém que já possuía uma loja naquela cidade<sup>11</sup>.

Em geral, a maioria dos emigrantes portugueses que saíam de Portugal para o Brasil colonial, iam para encontrar com um outro português já estabelecido naquele país. Por exemplo, em 1792, o rapaz Caetano Jozé dirigia-se para o Rio de Janeiro para encontrar um tio:

---

<sup>8</sup> Arquivo Histórico Ultramarino. *Açores*, pasta 29.

<sup>9</sup> Arquivo Histórico Ultramarino. Registo de Passaportes, 807 and 808.

<sup>10</sup> Arquivo Histórico Ultramarino. Registo de Passaportes, 807 and 808.

<sup>11</sup> Arquivo Histórico Ultramarino. Registo de Passaportes, 807 and 808.

Manda a Rainha Nossa Senhora se não ponha impedimento algum a passar para o Rio de Janeiro Caetano Joze, de idade de 18 anos, estatura maior da proporção da idade, rosto bexigozo, olhos castanhos escuros, cabelo preto, por constar ser português e que vai para a sobredita capitania com licença de seu pai para a companhia de seu tio<sup>12</sup>.

Em 1793, outro português, junto com sua família, dirigia-se para a dita cidade para encontrar o pai.

Manda a Rainha Nossa Senhora se não ponha impedimento algum a passar para o Rio de Janeiro Theotonio Ribeiro de Paiva, de idade de trinta e dois anos (...) constou ser português e ir para a companhia de seu pai (...) estabelecido na sobredita capitania, levando em sua companhia sua mulher (...) dois filhos de menor idade (...) e sua tia...<sup>13</sup>.

A ida de jovens rapazes também é constatada nos registos de passaportes. Por exemplo, em setembro de 1792 o menino de 12 anos, Agostinho Rodrigues Cunha imigrou para o Brasil.

Manda a Rainha Nossa Senhora se não ponha impedimento algum a passar para o Rio de Janeiro Agostinho Rodrigues Cunha, filho de outro do mesmo nome, menor de doze anos, por constar ser português e que com o consentimento do dito seu pai vai para a companhia de um seu tio que tem naquela cidade<sup>14</sup>.

Uma investigação levada a cabo pela inquisição em 1796 também mostra que um número significativo de portugueses no Rio de Janeiro se envolveu no comércio daquela cidade. Por exemplo, Antonio Bandeira de Gouveia era boticário, Antonio Rodrigues Ayrão era um homem de negócios (mercador com loja aberta) Manoel de Jesus era sapateiro, João Vaz

---

<sup>12</sup> Registo de passaportes. N.º 807, p. 24.

<sup>13</sup> Registo de passaportes. N.º.807, p.55.

<sup>14</sup> Registo de Passaportes. N.º.807, p.30.

dos Santos possuía uma taverna, Antonio Rodrigues Pereira era também um homem de negócios (tem loja aberta de ferragem) e assim por diante<sup>15</sup>. Na verdade, o comércio varejista do Rio de Janeiro no século XVIII era totalmente monopolizado pelos portugueses. Em 1799, o vice-rei português da cidade, Marquês do Lavradio, afirmou que:

... logo que aqui chegam [os portugueses] não cuidam de nenhuma outra coisa que se fazerem senhores do comércio que aqui há, não admitem filho nenhum da terra a caixeiro por onde possam algum dia serem negociantes<sup>16</sup>.

Essa predominância do português no comércio varejista do Brasil foi, subseqüentemente, influenciar a decisão de novos imigrantes portugueses a vir para o Brasil no século XIX.

## **2.2. O Período Independente**

### **2.2.1. A Primeira metade do século XIX**

Na primeira metade do século XIX, os portugueses continuaram a constituir o maior número de imigrantes livres vindo para o Brasil. Por exemplo, do registo de passaportes do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, é possível calcular que os portugueses totalizaram 80 por cento de todos os imigrantes livres registados naquela cidade entre 1831 e 1842. (Ver tabela 1).

No entanto, não há estatísticas disponíveis para o país inteiro para a primeira metade do século XIX. Pode-se considerar que o Rio de Janeiro – sendo a maior cidade do Brasil e tendo uma maior importância económica e política – teria atraído o maior número de imigrantes. Na verdade, durante o período de 1822 a 1850, o Rio de Janeiro absorveu a maior parte de todos os emigrantes portugueses chegados ao Brasil<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, Maço 38, n. 411. Prep. 1796. Libertinagem (Gentilmente cedido pelo Prof. David Higgs).

<sup>16</sup> David Higgs. “Migração Portuguesa no Século XVIII: Problemas e Fontes na Leitura Cultural de um xodo Popular.” *Revista da SBPH*, Número 5 (1989/90), p. 32.

<sup>17</sup> Rosana Barbosa Nunes. *Portuguese Migrants in Rio de Janeiro, 1808-1850*, Ph.D. Thesis, University of Toronto, 1998. pp. 94-98.

**TABELA 1**  
**Número de estrangeiros registrados no departamento**  
**de polícia do Rio de Janeiro.**  
**(Abril 1831-Maio 1842)**

Portugueses	18.427
Franceses	1.346
Espanhóis	869
Ingleses	406
Alemães	268
Suiços	185
Genoveses	159
Italianos	155
Prussianos	151
Sardenhos	145
Outros	914
Total	23.025

**Fonte:** Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Apresentação de Passaportes na Polícia. Códice 381, volumes 1-16.

Ainda assim, muitos desses recém-chegados também não apareceram nas estatísticas, já que muitos vieram para o Brasil sem passaporte e a sua chegada nunca foi registrada. Em 1833, o chefe de polícia do Rio de Janeiro, Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, declarou que um grande número de portugueses haviam entrado no Brasil sem passaporte. Este afirmou:

... milhares de portugueses, que atualmente nele (no império) estão residindo, é bem sabido que a maior parte deles veio sem trazer passaporte<sup>18</sup>.

Um ano depois, o cônsul português João Baptista Moreira afirmou que a maioria dos portugueses vivendo no Rio de Janeiro tinham imigrado sem passaporte<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Caixa 535.

<sup>19</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Caixa 81.

A chegada de constantes e massivas ondas de portugueses no Brasil também é evidenciada por fontes qualitativas. Por exemplo, em 1826, o cônsul português no Rio de Janeiro Carlos Mathias Pereira, escreveu para o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, o Conde do Porto Santo, dizendo que todos os navios de portugueses, particularmente vindos do Porto, chegaram ao Rio cheios de pessoas fugindo de Portugal.

Permita-me V. Exa. que eu tome a liberdade de apresentar que todas as embarcações que saem de Portugal vem cheias de gente fugida, particularmente as que vem do Porto. O “Danúbio” que chegou ultimamente, além de um grande número de pessoas que trouxe de mais na lista da tripulação, trouxe escondidos 38 rapazes; esta classe de gente que vindo para o Brasil deve fazer falta a agricultura de Portugal<sup>20</sup>.

Em 1836, o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Joaquim Antonio de Magalhães, escreveu que havia recebido informação de representantes no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco a respeito dos muitos indivíduos que estavam emigrando para essas províncias<sup>21</sup>. Em 1842 o representante português no Rio, Idelfonso Leopoldo Bayard, comentou numa carta para o seu governo a respeito do grande número de portugueses chegando ao porto do Rio. Este declarou que:

Nas lojas quase não há senão caixeiros portugueses, e também são os de escritório e os volantes nas fazendas e nos engenhos os feitores e administradores, nas casas os criados de servir, no trabalho do mar os mestres das sumacas, os arrais das faluas e barcos e até os pescadores brancos são pela maior parte portugueses, sem falar em alguns oficiais de ofícios, negociantes. E o mais é que a demanda (permita-se-me a expressão) por indivíduos da nação portuguesa, contanto que mostrem disposição para se sujeitar ao serviço, continua

---

<sup>20</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Livro 714. 20 de junho de 1826.

<sup>21</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Livro 593. 19 de maio de 1836.

sempre a mesma; porquanto se chega em navio do Porto com cem rapazes ou um das Ilhas com colonos trabalhadores dentro de 8 dias acham-se todos arrumados, e não faltam anúncios nos periódicos de pessoas que os querem tomar...<sup>22</sup>.

Como era o caso no final do período colonial, a maioria dos imigrantes vindos na primeira metade do século XIX também eram jovens rapazes. Amostras de registos de passaportes para os períodos de Novembro de 1826, Junho de 1832, Agosto de 1838 e os períodos de Janeiro de 1842 (que foram escolhidos aleatoriamente) mostram que a maioria dos portugueses no Rio tinham menos de 30 anos de idade. Entre eles, pessoas entre 10 e 20 anos de idade predominavam<sup>23</sup>.

Um número de historiadores, usando variadas fontes, também mostrou que esse era o caso do país como um todo. Henrique Fernandes Rodrigues demonstrou que indivíduos com menos de 20 anos representavam quase 60 por cento do total de emigrantes partindo para o Brasil da Região do Alto Minho de 1835 a 1860, enquanto pessoas com menos de 18 anos compreendiam mais de 48 por cento<sup>24</sup>. Lenira Menezes Martinho mostrou que 97.2 por cento dos portugueses entrando no Rio em 1827, 1828 e 1829 tinham menos de 30 anos. Dentre eles, pessoas de 19 a 15 anos de idade compreendiam quase 50 por cento de todos os imigrantes portugueses chegando ao Rio durante esses anos<sup>25</sup>. Em meados do século XIX, na região do Pará, a imigração de meninos muito jovens compreendeu três quartos do fluxo total da imigração proveniente de Portugal. Em Pernambuco, 60 por cento de todos os imigrantes portugueses era de jovens meninos em sua pré-adolescência<sup>26</sup>.

Entre as pessoas listadas nos registos de passaportes durante os períodos de Novembro de 1826, Junho de 1832, Agosto de 1838 e os períodos de Janeiro de 1842 (que foram escolhidos aleatoriamente), todos eram

---

<sup>22</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Livro 716. 22 de agosto de 1842.

<sup>23</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Apresentação de Passaportes de Portugueses na Polícia. Códice 378 e Apresentação de Passaportes de Estrangeiros na Polícia. Códice 381, volumes 1 - 16.

<sup>24</sup> Rodrigues. *A Emigração do Alto Minho*, p. 80.

<sup>25</sup> Lenira Menezes, Martinho and Riva Goreinstein. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. (Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992). p. 80.

<sup>26</sup> Halpern Pereira. *A Política Portuguesa de Imigração*. p. 27.

homens e a grande maioria era também solteira. Além disso, os registos mostram que quase todos os que eram casados migraram para o Rio sem suas mulheres<sup>27</sup>.

Os testamentos dos residentes do Rio de Janeiro nos anos de 1860 e 1870, também mostraram a predominância de imigrantes homens no Rio. Nos testamentos para os anos de 1864, 1865, 1870, e 1872, havia 170 homens portugueses listados enquanto apenas 34 mulheres estavam registadas<sup>28</sup>. Joel Serrão também mostrou que o número de mulheres emigrando para o Brasil era muito pequeno. Ele declarou que, por causa da indiscriminada emigração de homens, certas regiões em Portugal, como o Minho, tinham uma população onde as mulheres predominavam. “A incidência emigratória, regionalmente considerada, traduz-se sempre pelo predomínio feminino na população restante”<sup>29</sup>. Maria Ioannis Baganha também mostra o predomínio de mulheres na população de algumas regiões portuguesas devido ao alto índice de emigração masculina<sup>30</sup>.

Apesar da preponderância de homens no movimento migratório português, seria errado dizer que não havia mulheres portuguesas imigrantes no Rio durante o século XIX. Essas eram quase sempre mulheres pobres com pouca ou nenhuma instrução e que entraram no Brasil sem passaporte. A maioria destas estavam envolvidas em trabalhos manuais, principalmente no trabalho doméstico<sup>31</sup>. Nos jornais da época, a predominância do trabalho doméstico era aparente. Por exemplo, em 1826, o seguinte anúncio era publicado no *Diario do Rio de Janeiro*:

Qualquer senhor solteiro que precisar de uma criada filha de Portugal, para todo o serviço de portas a dentro, livre de vícios, pois já não é criança, dirija-se a rua da Lapa do Desterro<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Apresentação de Passaportes de Portugueses na Polícia. Códice 378 e Apresentação de Passaportes de Estrangeiros na Polícia. Códice 381, volumes 1 - 16.

<sup>28</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Inscrições de Verbas Testamentárias. Livros 5, 6, 14 and 16.

<sup>29</sup> Serrão. *A Emigração Portuguesa*. pp. 120-121.

<sup>30</sup> Maria Ioannis B. Baganha. “Portuguese Transatlantic Migration.” In: Baily and Miguez. *Mass Migration to Modern Latin America*. SR Books, 2003. pp. 60-61

<sup>31</sup> Nunes. “Portuguese Migration.” pp. 73-76 e 168-170.

<sup>32</sup> *Diario do Rio de Janeiro*. 31 de Agosto de 1826

No ano seguinte o *Jornal do Comércio* publicava:

Alguma senhora de Portugal que saiba coser e engomar, e que queira se arranjar em uma casa de pouca família também de Portugal, pode avisar neste Diário para ser procurada<sup>33</sup>.

Em 1841 o mesmo jornal declarava:

Quem precisar de uma Sra., filha de Portugal, para tomar conta de alguma casa de Sr. viúvo ou solteiro, e fazer todo o serviço de portas a dentro, anuncie neste jornal o número de sua casa para se fazer os ajustes<sup>34</sup>.

Por outro lado, homens portugueses normalmente encontravam emprego no sector comercial de várias das grandes cidades. Os imigrantes que estavam listados nos registos de passaportes do Rio, entre 1831 e 1842, por exemplo, eram na sua maioria, homens letrados que foram para o Rio para trabalhar no sector de expansão comercial da cidade. De 592 portugueses listados nos registos de passaportes do Rio nos períodos de Novembro 1826, Junho de 1832, Agosto de 1838 e os períodos de Janeiro de 1842 (que foram escolhidos aleatoriamente), 397 eram envolvidos no comércio. Dentre eles, 276 eram caixeiros<sup>35</sup>. Os jornais da época assim como os testamentos de habitantes do Rio durante o século XIX também mostram a preferência portuguesa pela área comercial<sup>36</sup>. Por exemplo, no *Diario do Rio de Janeiro* em 1826, achava-se o seguinte anúncio:

Precisa-se de um homem, que saiba ler e escrever, filho de Portugal, e que entenda de lavoura, para nesta dirigir serviço de agricultura...a quem convir, falar a rua de São Pedro próximo a rua Direita número 23<sup>37</sup>.

---

<sup>33</sup> *Jornal do Comércio*. 1 de Dezembro de 1827

<sup>34</sup> *Jornal do Comércio*. 15 de Janeiro de 1841

<sup>35</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Apresentação de Passaportes de Portugueses na Polícia. Códice 378. Apresentação de Passaportes de Estrangeiros na Polícia. Códice 381, volumes 2, 10, and 15.

<sup>36</sup> Nunes. "Portuguese Migration." pp. 100-101.

<sup>37</sup> *Diario do Rio de Janeiro*. 10 de Abril de 1826.

O mesmo jornal publicou em 1830 que:

Um português chegado a pouco da Ilha da Madeira, pretende empregar-se em alguma ocupação, acha-se hábil para escrituração, assim como para qualquer ramo de negócio, ou para administração de qualquer natureza que seja, sujeita-se a sair para for a desta corte, ou para qualquer parte do interior; se alguma pessoa precisar dele anunciar por esta folha<sup>38</sup>.

Anúncios como este eram também achados no *Jornal do Comércio*. Em 1829 este publicou que:

Na rua d'Alfandega ao pé do Oratório de pedra, sobrado número 398, acha-se um jovem filho de Guimarães instruído em negócio de ferragem e pretende-se arrumar em uma casa capaz de ferragem; quem dele precisar dirija-se a dita casa para tratar<sup>39</sup>.

Os portugueses também predominavam no sector comercial de outras cidades brasileiras. João José Reis mostra que os portugueses controlavam o comércio em Salvador. Marcus Carvalho mostra a mesma coisa no estado de Pernambuco<sup>40</sup>. Em São Paulo, os portugueses também estavam concentrados nos centros urbanos das cidades de São Paulo e Santos, apesar de que eles nunca foram a maioria na população imigrante desses estados<sup>41</sup>.

Os imigrantes portugueses eram atraídos pelo comércio não apenas por conta do crescimento significativo desse sector, mas também porque o comércio varejista dos centros urbanos do Brasil estava sendo controlado pelos portugueses desde o período colonial. Isso proporcionou um

---

<sup>38</sup> *Diario do Rio de Janeiro*. 17 de Fevereiro de 1830.

<sup>39</sup> *Jornal do Comércio*. 26 de Fevereiro de 1829.

<sup>40</sup> Marcus Carvalho. "O Anti-lusitanismo e a Questão Social em Pernambuco, 1822-1848." In: Maria Beatriz Nizza da Silva e Outros (eds.). *Emigração/Imigração em Portugal*. (Lisbon: Fragmentos, 1993). p. 149.

<sup>41</sup> Maria Izilda Santos de Matos. "Estratégias de Sobrevivência. A imigração portuguesa e o mundo do trabalho. São Paulo, 1890-1930." In: Nizza da Silva e Outros (eds.). *Emigração/Imigração*. pp.221 e 227.

ambiente atractivo e que fornecia apoio para que os jovens portugueses encontrassem emprego. Muitos dos novos imigrantes frequentemente imigravam para o Brasil para trabalhar em redes de parentes e amigos que já estavam estabelecidos no país. Em outros centros urbanos como São Paulo e Recife também havia o mesmo tipo de redes de conhecimento nas comunidades portuguesas<sup>42</sup>.

O sistema de subsídio de homens jovens vindo de Portugal para trabalhar no sector comercial do Rio era também importante para o lucro desse sector, já que os donos de lojas podiam impor exigentes condições de trabalho para os seus aprendizes. Considerando que a maioria dos rapazes não possuía membros de seu núcleo familiar no Rio, o empregador frequentemente desempenhava o duplo e ambíguo papel de patrão e pai. Um jovem vendedor normalmente vivia e trabalhava no mesmo local, dormia no chão da loja, e trabalhava 7 dias por semana<sup>43</sup>. Alguns desses jovens aceitavam trabalhar sob essas condições sem receber nenhum salário.

Estes se sujeitavam a esta situação com esperanças de ganharem a confiança de seus patrões e de conseguirem uma melhor posição social e económica. De facto, era conhecimento comum que muitos caixeiros se tornavam sócios ou herdeiros de seus patrões. Por exemplo, o jornal a *Aurora Fluminense* declarou em 1831 que: "... os caixeiros são em regra geral, os herdeiros da casa dos patrões ou por casamento ou por sociedade"<sup>44</sup>.

Outra evidência que mostra o grande número de imigrantes portugueses no Brasil e a sua dominância no comércio varejista urbano é o desdém direccionado a eles, que se evidenciava no país durante o século XIX. Essa hostilidade era uma consequência do nacionalismo emergente, que vinha sendo nutrido durante o processo de independência, como também por vários factores económicos.

O controle português do comércio varejista do Brasil contrapôs os habitantes urbanos aos que não possuíam propriedades no Brasil. Os portugueses chegaram a monopolizar a ocupação de caixeiros, profissão que era considerada privilegiada entre a população dos que não possuíam terras e dos brancos pobres do Brasil, especialmente das grandes cidades, como Rio e Salvador. Esses brasileiros sentiam que a oportunidade dada aos portugueses lhes estava sendo negada, simplesmente porque eram brasi-

---

<sup>42</sup> Marcus Carvalho. "O Anti-lusitanismo e a Questão Social em Pernambuco, 1822-1848." In: *Emigração/Imigração*. p. 153. Matos. "Estratégias de Sobrevivência." p. 226.

<sup>43</sup> Martinho and Goreinstein. *Negociantes e Caixeiros*, pp. 79 e 123.

<sup>44</sup> *Aurora Fluminense*, 15 de Maio de 1831.

leiros. Além disso, os brasileiros também tinham o sentimento generalizado de que os varejistas portugueses cobravam, deliberadamente, preços exorbitantes para as comodidades básicas durante os períodos de alta inflação.

Como consequência, de 1822 a 1850, a população geral do Brasil em diversas ocasiões, demonstrou publicamente sua animosidade em relação aos imigrantes portugueses através de tumultos e distúrbios civis. Durante todo o século XIX, incidentes entre Brasil e Portugal foram relatados no Rio assim como em outras partes do Brasil. João José Reis escreve que, no início dos anos de 1830 um sentimento antiportuguês permeava a Bahia<sup>45</sup>. Em 1834, na pequena cidade de Arraial do Pilar no estado do Mato Grosso, portugueses foram atacados durante tumultos provocados por brasileiros que acreditavam que os portugueses do local estavam estocando armas para trazer à tona a restauração do domínio português sobre o Brasil. A agitação resultou na morte de trinta portugueses e dois brasileiros<sup>46</sup>. Durante aquela mesma década também houve demonstrações antiportuguesas no Pará<sup>47</sup>.

No final da década de 1840, novas ondas de xenofobia aconteceram no Brasil, com Pernambuco e Rio de Janeiro experienciando tumultos violentos contra a população de nativos portugueses<sup>48</sup>. Até ao final do século, manifestações xenofóbicas ainda eram relatadas. Nos anos de 1890 tumultos contra imigrantes portugueses ocorreram mais uma vez nas ruas do Rio de Janeiro<sup>49</sup>.

Apesar da animosidade mostrada pela população local, o governo brasileiro continuou a encorajar a imigração de portugueses. Isso ocorreu porque os portugueses eram vistos como uma rica e pronta fonte de imigrantes brancos.

A elite brasileira que tinha impulsionado e levado a independência do Brasil a cabo, desejava criar uma nação de brasileiros brancos. Conse-

---

<sup>45</sup> João José Reis. *Slave Rebellion in Brazil* (Baltimore, 1993), p. 23.

<sup>46</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Brasil – Ministério da Justiça (Relatórios, 1835). Microfilme, rolo 004.0.82.

<sup>47</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Brasil – Ministério da Justiça (Relatórios, 1835). Microfilme, rolo 004.0.82.

<sup>48</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Caixa 202. 1 de Dezembro de 1848.

<sup>49</sup> June Hahner. “Jacobinos Versus Galegos. Urban Radicals Versus Portuguese Immigrants in Rio de Janeiro in the 1890s.” *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 18:2 (May 1976). pp. 125–154.

quentemente, estavam cada vez mais preocupados com o grande número de negros na população brasileira, o que era visto como um problema que precisava de ser resolvido.

Ainda assim, essa mesma elite não queria desistir dos lucros com o tráfico de escravos e da comodidade proporcionada pelo trabalho escravo. Mesmo após 1830, quando o tráfico de escravos foi considerado ilegal como resultado de um acordo entre brasileiros e ingleses, os escravos continuavam a serem trazidos para o Brasil em grandes quantidades. Foi somente em 1850 que o tráfico de escravos para o Brasil foi totalmente abolido.

Foi estimado que quase 500.000 escravos foram importados para o Brasil de 1831 a 1850. Em termos demográficos, isso significa que negros e mulatos dominavam a população do Brasil com os brancos totalizando menos de um terço da população do país<sup>50</sup>. Recenseamentos mostraram que só na cidade do Rio de Janeiro, a população escrava aumentou mais que o dobro no período de 1831 a 1850<sup>51</sup>.

Como contrapeso para a crescente população negra, o império brasileiro recebeu entusiasmadamente qualquer europeu que quisesse imigrar para esse novo país, já que eles ajudariam a minimizar, até um certo ponto, a presença africana no país.

O desejo da elite dominante de aumentar o tamanho da população branca se evidenciou nos seus incentivos à imigração européia. Durante a primeira metade do século XIX, vários governos brasileiros subsidiaram portugueses, alemães, suíços, e irlandeses entre outros europeus para se estabelecerem no Brasil.

Mesmo assim, apesar destas várias tentativas, o número de europeus continuou a ser modesto ao longo da primeira metade do século XIX. Durante esse período, os únicos europeus chegando no Brasil em números significativos eram os portugueses.

### **2.2.2. Imigração em massa após 1850**

Na segunda metade do século XIX e início do século XX, o fluxo de imigrantes portugueses não só continuou como aumentou significativamente.

---

<sup>50</sup> Leslie Bethell and José Murilo de Carvalho, "1822-1930," in Leslie Bethell (ed). *Brazil: Empire and Republic* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989). pp. 45 and 95.

<sup>51</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mapa do Município da Corte, Ministério do Império. Relatórios Ministeriais, Microfilme 007-0-82. Mapa Geral. Recenseamento da população existente no Município Neutro no fim do ano de 1849. Manuscrito I-17,11,1.

Apesar da maioria desses indivíduos continuar a ser de homens jovens, o número de mulheres tornou-se mais significativo nesse momento já que mais famílias passaram a migrar juntas, particularmente no fim do século XIX<sup>52</sup>.

O grande número de portugueses que chegou ao Brasil, após a abolição da escravatura em 1850, continuou a ser atraído principalmente pelas oportunidades nos centros urbanos do Brasil. Essa preferência pelo comércio continuou até ao século XX. Em 1928, o jornal *Portugal Illustrado* do Rio de Janeiro, publicou um artigo que declarava que todos os portugueses no Brasil evitavam o trabalho agrícola e agarram-se desesperadamente à vida cidadina<sup>53</sup>. Mesmo hoje, sabe-se que muitos portugueses ou seus descendentes, são donos de padarias, mercearias, botequins, etc.

No entanto, em meados do século XIX, o Brasil estava extremamente necessitado de mão-de-obra para o súbito crescimento da economia do café. Após o acordo entre o Brasil e a Inglaterra, que aboliu o tráfico de escravos em 1830, algumas tentativas foram feitas para trazer imigrantes para trabalhar nas plantações de café de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Mesmo com a compra de escravos das plantações de açúcar, em declínio económico, os fazendeiros de café temiam uma séria escassez de mão-de-obra para as suas plantações, especialmente depois que o tráfico fora finalmente abolido em 1850. São Paulo sofreu em especial a escassez de mão-de-obra já que muitas de suas plantações de café foram estabelecidas após a abolição do tráfico de escravos. Foi necessário aumentar o número de trabalhadores não apenas como substitutos do trabalho escravo, mas também para suprir a demanda das novas plantações de café e para ajudar na crescente produção daquelas que já estavam estabelecidas.

Os grupos mais importantes de imigrantes livres chegando no Brasil depois da abolição do tráfico, foram os portugueses e os alemães, (ver tabela 2). Ainda assim, esses não supriram a força de trabalho necessária para as plantações de café. Apesar de algumas tentativas para patrocinar alemães e portugueses para as plantações de São Paulo, os números desses dois grupos nunca foi suficiente para suprir a força de trabalho necessária. Na verdade, a maioria dos alemães que chegaram ao Brasil no século XIX estabeleceu-se no sul do Brasil, já que o governo brasileiro

---

<sup>52</sup> Miriam Halpern Pereira. "Liberdade e Contensão na Emigração Portuguesa." In: Nizza da Silva e Outros (eds.). *Emigração/imigração*. p. 13. Serrão. *A Emigração Portuguesa*. p. 127.

<sup>53</sup> Maria Beatriz Nizza da Silva. *Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil, 1850-1938*. (Rio de Janeiro: Noódica, 1992).

subsidiou esses imigrantes com o objetivo específico de fundar novas cidades em áreas menos populosas do país.

TABELA 2  
**Imigrantes entrando no Brasil, 1851-75**

Ano	Portugueses	Alemães	Italianos	Outros	Total
1851-55	25.883	5.213		7.936	39.078
1856-60	43.112	13.707		25.813	82.078
1861-65	25.386	7.124	3.023	15.354	50.970
1866-70	24.776	5.648	1.900	13.689	46.601
1871-75	32.688	5.224	4.610	37.716	81.314
Total	151.845	36.915	9.528	100.508	300.632

**Fonte:** Richard Graham. "1850-1870." In: Leslie Bethell. *Brazil: Empire and Republic, 1822-1930*. (Cambridge, 1989), p. 137.

Aqueles imigrantes que foram para as plantações, encontraram condições muito severas de trabalho. Como Caroline Brettel declarou, "De acordo com vários relatórios, aqueles que foram para as fazendas eram muito mal alimentados, tratados como escravos e punidos como cachorros"<sup>54</sup>. Até aos anos de 1860, muito poucos europeus permaneceram nas plantações de café de São Paulo. A maioria dos trabalhadores livres encontrados nas plantações era de brasileiros de São Paulo e Minas Gerais. Dentre os europeus, apenas alguns portugueses continuavam chegando<sup>55</sup>.

### 2.2.3 Outros grupos imigrantes

Como resultado dessa falta de mão-de-obra para as plantações, o Brasil começou a subsidiar outros imigrantes europeus com o objetivo es-

---

<sup>54</sup> "According to several reports, those who went to the fazendas were badly fed, treated like slaves and punished like dogs." Caroline B. Brettel. "The Emigrant, the Nation, and the State in Nineteenth and Twentieth Century Portugal." *Portuguese Studies Review*. 2:2 (Spring/Summer 1993). p. 53.

<sup>55</sup> Warren Dean. *Rio Claro. A Brazilian Plantation System, 1820-1920*. (Stanford: Stanford University Press, 1976). pp. 90-91 and 116.

pecífico de fornecer força de trabalho para essas fazendas. Durante esse período, o Brasil recebeu um grande número de imigrantes italianos, espanhóis e japoneses, entre outros. No entanto, mesmo sendo estes importantes para a constituição do Brasil, o seu fluxo migratório era temporário e nunca alcançou a consistência e duração da imigração portuguesa.

Estas novas ondas de imigrantes eram em sua maioria direcionados a São Paulo. A dominância econômica do Rio de Janeiro, existente na primeira metade do século XIX, transferiu-se para São Paulo na segunda metade do século. Por conta disso, São Paulo foi o estado brasileiro que subsidiou maior número de imigrantes depois de 1850. De 1889 a 1930, São Paulo recebeu 2.033.654 imigrantes, mais de 57 por cento do total de imigrantes que haviam entrado no Brasil<sup>56</sup>. Durante o fim do século XIX, São Paulo recebeu muito poucos imigrantes não subsidiados, já que uma média de 90 por cento de todos os imigrantes chegando em São Paulo tinha sido subsidiado para vir para o Brasil<sup>57</sup>. Foi apenas no início do século XX que um número significativo de imigrantes espontâneos começou a chegar em São Paulo, quando mais pessoas buscavam uma vida nos centros urbanos do estado, principalmente em Santos e na cidade de São Paulo.

Dos imigrantes subsidiados que chegaram a São Paulo, os italianos eram a maioria. Nos anos de 1890 mais de 58 por cento do total de imigrantes que São Paulo recebeu eram provenientes da Itália<sup>58</sup>. Neste período, os italianos também inteiraram a maioria dos imigrantes que chegaram ao Brasil (ver tabela 3). Os espanhóis também eram um grupo significativo de imigrantes subsidiados que chegaram em São Paulo, para trabalhar na plantação de café desse estado<sup>59</sup>. Os portugueses, principalmente aqueles que não tinham meios de emigrar, também vieram pra São Paulo como trabalhadores agrícolas subsidiados. Entre 1887 e 1900, os portugueses totalizaram 10 por cento de todos os imigrantes em São Paulo, enquanto os espanhóis inteiravam 11 por cento<sup>60</sup>.

---

<sup>56</sup> Maria Tereza Schorer Petrone. "Imigração," In: Boris Fausto (dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, Volume 2. (São Paulo: Difel, 1978 ). p. 103.

<sup>57</sup> Thomas Holloway. *Immigrants on the Land - Coffee and Society in São Paulo, 1886-1934*. (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980). p.56.

<sup>58</sup> Petrone. "Imigração." p. 104.

<sup>59</sup> Cláudio Aguiar. *Os Espanhóis no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. pp. 19 and 163.

<sup>60</sup> Holloway. *Immigrants on the Land*. p. 43.

**TABELA 3**  
**Grupos de imigrantes mais numerosos**  
**entrando no Brasil, 1890-1929**

Italianos	1.156.472
Portugueses	1.030.666
Espanhóis	551.385
Alemães	112.593
Russos	108.475
Japoneses	86.577
Austríacos	79.052

**Fonte:** Maria Tereza Schorer Petrone. “Imigração.” *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 3, vol. 2 (São Paulo: Difel, 1978), pp.100-101.

Em 1908, um novo grupo de imigrantes subsidiados começou a chegar no Brasil, os japoneses. Este grupo constituiu os primeiros asiáticos a chegar ao Brasil. Até meados de 1920, a imigração japonesa era relativamente insignificante. No entanto, durante o período entre 1924 e 1933, tornou-se a maior corrente migratória, totalizando por volta de 110.000 pessoas<sup>61</sup>. A maioria dos imigrantes japoneses foi para São Paulo e até ao ano de 1930 inteiraram mais da metade de todos os imigrantes chegados neste estado<sup>62</sup>. Até 1925 a maioria dos japoneses veio para o Brasil para trabalhar nas plantações de café. No entanto, após a Primeira Guerra Mundial, grande número de japoneses foram subsidiados pelo governo japonês para emigrar para o Brasil. Esses imigrantes foram capazes de se estabelecer como pequenos proprietários de terra em diferentes regiões do país, sendo que a maioria se estabeleceu em São Paulo<sup>63</sup>.

Ainda assim, apesar da grande importância dada para estes dois grupos pela historiografia brasileira, ambos italianos e japoneses chegaram ao Brasil apenas durante um período específico. Imigrantes portugueses, por outro lado, começaram a migrar para o Brasil no período colonial e continuaram seu significativo fluxo até os anos de 1950. Os por-

---

<sup>61</sup> Boris Fausto. “Society and Politics” In: Leslie Bethell (ed.). *Brazil. Empire and Republic, 1822-1930* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989). pp. 261/262.

<sup>62</sup> Petrone. “Imigração,” p. 104.

<sup>63</sup> Petrone. “Imigração,” p. 106.

tugueses foram o único grupo de imigrantes livres que constituíram um constante e auto-suficiente movimento para o Brasil. Sua imigração continuou, em grandes números, ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX.

Por exemplo, enquanto a imigração portuguesa permaneceu constante, o número de imigrantes italianos chegando no Brasil diminuiu significativamente no início do século XX, como mostra a tabela 4. Até aos anos de 1920 apenas 15.35 por cento dos imigrantes em São Paulo eram italianos. Até esse momento, os portugueses, espanhóis e italianos eram os imigrantes mais numerosos em São Paulo e no Brasil em geral (ver tabela 4). Ainda assim, ao contrário dos espanhóis que se concentraram principalmente em São Paulo<sup>64</sup>, os portugueses continuaram a estabelecer-se, na maior parte das vezes, no Rio de Janeiro. Em 1920, 39.8 por cento de todos os portugueses imigrantes registrados no Brasil, viviam na cidade do Rio de Janeiro onde eles inteiravam o maior grupo estrangeiro dentro da população da cidade<sup>65</sup>.

TABELA 4  
**Os três mais importantes grupos de imigrantes  
chegando no Brasil, 1908-1920**

Portugueses	420.596
Espanhóis	221.868
Italianos	175.714

**Fonte:** Miriam Halpern Pereira. *A Política Portuguesa de Imigração, 1850-1930*. (Lisboa: A Regra do Jogo, 1981). p. 19.

#### **2.2.4. Os números de imigrantes portugueses**

Assim, fica claro que, os portugueses constituíram o maior e mais significativo grupo de imigrantes livres a entrar no Brasil. Ainda assim, o número total de imigrantes portugueses que chegaram a esse país é desconhecido. Fernando Lázaro de Barros Bastos estimou que 1.766.771 portugueses chegaram ao Brasil entre 1837 e 1968, (ver tabela 5). No entanto,

<sup>64</sup> Aguiar. *Os Espanhóis no Brasil*. p. 19.

<sup>65</sup> Fausto. "Society and Politics." p. 261.

esse total deve ser maior devido à falta de estatísticas para a primeira metade do século XIX e o grande número de imigrantes chegando no Brasil sem passaporte. Em 1872, o cônsul português no Rio de Janeiro estimou que 20 por cento de todos os portugueses que haviam entrado no Brasil até então, haviam entrado ilegalmente.

**TABELA 5**  
**Grupos de imigrantes mais numerosos entrando no Brasil**  
**(Séculos XIX e XX)**

Portugueses	1837-1968	1.766.771
Italianos	1836-1968	1.620.344
Espanhóis	1841-1968	719.555
Alemães	1836-1968	257.457
Japoneses	1908-1968	243.441
Russos	1871-1968	119.215
Austríacos	1868-1968	98.457

**Fonte:** Fernando Lázaro de Barros Bastos. *Síntese da História da Imigração no Brasil*. (Rio de Janeiro, 1970), pp. 87-88.

A chegada de imigrantes clandestinos que vieram ao Brasil sem passaporte continuou a ser significativo no século XX. Por exemplo, Maria Ioannis Baganha estimou que entre 1855 e 1930, uma média de 2 milhões de portugueses emigrou do país de maneira clandestina<sup>66</sup>. No geral, haviam duas razões principais para o alto número de imigrantes portugueses saindo de seu país sem passaporte: jovens rapazes que faziam isso para escapar do serviço militar, enquanto outros não podiam pagar o preço de um passaporte<sup>67</sup>.

Além disso, notou-se que as estatísticas para os italianos, espanhóis e japoneses foi provavelmente mais precisa que as dos portugueses, já que indivíduos dos três primeiros grupos chegaram ao Brasil, em sua maioria, como imigrantes subsidiados. Assim sendo, a maioria era provavelmente

<sup>66</sup> Baganha. "portuguese Transatlantic Migration." p. 55.

<sup>67</sup> Pereira. *A Política Portuguesa de Emigração*. Documento 222. pp. 55, 169 e 239-240. Bretell. "The Emigrant, the Nation, and the State." p. 54.

registrada logo que chegava. Consequentemente, apesar de ser mais provável que o total de imigrantes portugueses que chegaram ao Brasil durante o século XIX e XX fosse maior do que é reflectido nas estatísticas, o mesmo não pode ser dito para os outros grupos principais de imigrantes.

Além do mais, se incluirmos uma estimativa dos imigrantes portugueses que chegaram ao Brasil durante o período colonial, o número total de portugueses que chegaram ao Brasil desde os anos de 1500 deveria ser pelo menos o dobro. Em 1970, Bastos estimou que nos passados 450 anos, o Brasil recebeu cinco milhões de imigrantes portugueses<sup>68</sup>. Mesmo não havendo indicação de como ele chegou a esse total, esta é uma estimativa possível.

### III. Conclusão

O Brasil permaneceu como a região mais importante para a emigração portuguesa até a década de 1960. Entre 1855 e 1865, 87 por cento de todos os emigrantes de Portugal foram para o Brasil. De 1880 a 1960 o dígito permaneceu alto, por volta de 76 por cento dos portugueses deixando sua terra natal<sup>69</sup>. Foi apenas no início do anos de 1960 que o Brasil perdeu sua posição como o mais importante destino para emigrantes portugueses. Em 1963, pela primeira vez, a França absorveu mais imigrantes portugueses que o Brasil<sup>70</sup>. Depois dessa data, o Brasil nunca mais atrairia tantos portugueses como no passado.

No entanto, Portugal forneceu ao Brasil mais imigrantes livres que qualquer outra nação. Estes imigrantes criaram uma força de trabalho para o Brasil e contribuíram para o desenvolvimento do mercado local e internacional. Além disso, os centros urbanos do Brasil tiveram seu comércio e urbanização impulsionados por esses imigrantes portugueses que se tornaram altamente envolvidos nos sectores comerciais das cidades brasileiras. Assim as lojas dos portugueses ajudaram a fornecer comodidades básicas para o crescimento dos centros urbanos.

Ainda assim, mesmo hoje, a escala de imigração portuguesa para o Brasil não é amplamente reconhecida naquele país. Isso tem ocorrido

---

<sup>68</sup> Fernando Lázaro de Barros. *Síntese da História da Imigração no Brasil*, (Rio de Janeiro, 1970). p. 46.

<sup>69</sup> Pereira. *A Política Portuguesa de Imigração*. p. 15.

<sup>70</sup> Jorge Carvalho Arroiteia. *A Emigração Portuguesa - suas origens e distribuição*, (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983). p. 25.

porque os portugueses foram originariamente considerados pelos brasileiros mais como colonizadores do que como imigrantes. Isso foi também resultado do desejo dos brasileiros de dar as costas à nação colonizadora e partir adiante em novas direcções. De facto, as muitas demonstrações antiportuguesas ao longo do país que ocorreram durante o século XIX foram uma consequência do surgimento de um nacionalismo emergente. Esse sentimento continuou, até certo ponto, ao longo do século XX e foi um dos factores que influenciou os brasileiros a se identificarem como algo distinto dos portugueses.

O número significativo de imigrantes para o Brasil começou a diminuir em meados do século XX, e nos anos de 1980, pela primeira vez, o Brasil começou a vivenciar um movimento inverso. Brasileiros começaram a emigrar e muitos descendentes dos antigos imigrantes mudaram-se para a terra de seus pais ou avós em busca de melhorias económicas. Hoje em dia países como Portugal, Itália e Japão têm grandes comunidades de imigrantes brasileiros que seguem as tradições migratórias de alguns de seus antepassados.